



## A fotografia de *Sjó*<sup>1</sup>

Giovani GASPARETTO<sup>2</sup>

Pedro Gabriel Garcia AMADEU<sup>3</sup>

Fernanda Cristina Cobo de SOUSA<sup>4</sup>

Filipe Mattos SALLES<sup>5</sup>

Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio, Salto, SP.

### RESUMO

Este trabalho mostra os processos que envolveram a concepção e desenvolvimento da Direção de Fotografia do curta-metragem *Sjó*, que busca através de uma composição naturalista e intimista explorar o sentimento da saudade, e esclarecer os métodos teóricos e práticos de sua realização.

**PALAVRAS-CHAVE:** Direção de Fotografia; *Sjó*; Cinema; Curta Metragem.

### 1 INTRODUÇÃO

O curta-metragem *Sjó* explora, de maneira íntima e simples, a saudade e a perda, nele representadas por Thomas, o protagonista que, por todo o filme, não é mostrado de frente, não tem voz ou falas e nenhum objetivo ou desejo aparente. Ele é a personificação da saudade e foi concebido como tal. Um dia, sem motivo aparente, Thomas acorda de manhã cedo, caminha até a praia e se entrega ao mar. A partir daí, o filme conta, através de uma série de depoimentos (reais e fictícios), um pouco do passado de Thomas e as impressões que ele deixou em seus amigos e familiares. Dessa forma, o filme espera construir uma relação sentimental com os depoentes e com o público, levando-os a uma entrega para história, através da identificação com a saudade baseado em experiências e vivências próprias enxergues em Thomas.

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Cinema e Audiovisual, modalidade Fotografia em Movimento.

<sup>2</sup> Aluno líder e estudante do Curso de Cinema e Audiovisual do Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio, e-mail: giovani.trueblood@gmail.com

<sup>3</sup> Estudante concluinte do Curso de Cinema e Audiovisual do Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio, e-mail: pedroamadeu1@gmail.com.br

<sup>4</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Cinema e Audiovisual do Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio, e-mail: prof.fernandacobo@gmail.com

<sup>5</sup> Co-orientador do trabalho. Professor do Curso de Cinema e Audiovisual do Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio, e-mail: filipesalles@gmail.com



*Sjó* (mar, no islandês) fala sobre a margem da experiência e das escolhas humanas, bem como da intraduzibilidade da origem e do destino dos sentimentos, todos igualmente densos e efêmeros como a areia da praia. A saudade foi escolhida como tema fundamental do projeto por ser um dos sentimentos mais ambivalentes e nebulosos do/no imaginário contemporâneo, permitindo-nos, assim, explorar uma estética extremamente única, profunda e interessante que, por sua vez, permite múltiplas interpretações sobre o material coletado, um estudo minucioso sobre a linguagem cinematográfica e um aprendizado fundamental sobre as possibilidades estéticas e narrativas encontradas no híbrido de documentário e ficção em um tema tão sensível, humano e questionador.

*Sjó* foi realizado como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da turma de Cinema e Audiovisual do Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio, apresentado no ano de 2014. O filme foi dirigido por Gustavo Chu e teve como Diretor de Fotografia Pedro Amadeu, ambos da turma concluinte. Para integrar a equipe de Fotografia foi escolhido o estudante Giovani Gasparetto, que não era da turma concluinte, mas possuía identificação com o projeto e conhecimento da função, atuando como assistente de Direção de Fotografia.

## **2 OBJETIVO**

O curta-metragem *Sjó* teve por objetivo principal discutir e trabalhar a saudade como fonte de criação e sentimento primário, funcionando como canalizador e auxílio para os depoentes e, quiçá, para o público e levantar, despretensiosamente, questões líricas e poéticas acerca da mortalidade e da perda. Por isso, o grande objetivo da Direção de Fotografia foi criar uma obra artística concernente às propostas do filme pretendidas pelo diretor, fundamentada em uma estética naturalista e realista, tendo como foco a liberdade artística e narrativa, que traduzida em imagens, evita artificialismos, mas busca uma imagem bela e cheia de significados.

## **3 JUSTIFICATIVA**

O projeto foi pensado, desde o começo, como um exercício cinematográfico e um pequeno experimento social. Por isso, não está fundamentado na perfeição e rigidez técnica, e sim na essência de um cinema simples: contar uma história da melhor maneira possível.



Isso, de forma alguma, desprioriza o capricho estético e técnico ou nos liberta da necessidade de uma equipe focada e de uma unidade estética clara e bem definida. Na verdade, isso nos permite ter o ponto de vista narrativo expressado por todas as áreas de atuação do filme e não desperdiçar esforços com detalhes de menor importância.

Assim, o curta-metragem exercita as várias possibilidades de linguagem, sendo lírico e poético, trabalhando uma questão sensível de maneira delicada para alcançar uma resposta emocional do público a partir da identificação com a história através dos depoimentos, para que dessa maneira o espectador possa completar as camadas do personagem Thomas com suas próprias vivências e experiências.

Nesse contexto a estética através da fotografia de *Sjó* é um elemento fundamental, pois é através desta que buscamos alcançar a carga dramática da narrativa e das imagens que entram pelo olhar do espectador. Através da câmera e da objetiva buscamos criar significados, que vão além de simplesmente compor uma bela imagem, desenvolvendo através de vários elementos que possui uma linguagem estética, juntamente à narrativa, um olhar próprio ao filme.

Uma linguagem não é, contudo, um conjunto de signos isolados, formado mecanicamente: o conteúdo e a expressão de cada linguagem constituem um sistema organizado de relações estruturais. (LOTMAN, 1978, p. 12)

A busca pelo tom naturalista e intimista presente nas imagens do filme converge diretamente com a abordagem que o diretor escolheu conduzir a narrativa que vai além de contar uma história e sim realizar um estudo e uma ode à saudade, representada poeticamente pelo personagem, como também propor uma discussão pessoal e não expositiva sobre a saudade, buscando alcançar assim uma emoção que vem de dentro de cada espectador calcado em experiências verdadeiras de cada um.

Nas mãos de um espírito livre, o cinema é uma arma magnífica e perigosa. É o melhor instrumento para exprimir o mundo dos sonhos, das emoções, do instinto. O mecanismo produtor das imagens cinematográficas é, por seu funcionamento intrínseco, aquele que, de todos os meios da expressão humana, mais se assemelha à mente humana, ou melhor, mais se aproxima do funcionamento da mente em estado de sonho. (BUÑUEL, 1983, p. 336)

Portanto, o curta-metragem possui grande relevância por sua abordagem temática, que abre o espaço para a discussão de um tema de extrema importância para a experiência humana. Além disso, do ponto de vista estético e, mais especificamente, da fotografia, o



visual do filme foi concebido de forma a construir uma relação sentimental com o público através das imagens, que exploram a diversidade de elementos que o cinema tem como base de sua linguagem, defendendo a riqueza artística da produção cinematográfica. Assim, possibilita um experimentalismo estético pela proposta de explorar as fronteiras narrativas entre ficção e documentário.

#### 4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Para chegarmos ao resultado estético que buscávamos na fotografia de *Sjó*, buscamos identificar o melhor *workflow* a ser usado como também equipamentos para tal realização. Através de apoio da faculdade e também de produtoras independentes conseguimos grande arte do que necessitamos para realizar esse trabalho.

Na iluminação do filme, tivemos duas condições distintas. Nas cenas de depoimentos usamos somente iluminação artificial, pois foram gravadas dentro de estúdio simulando a luz do dia com refletores de luz, para isso trabalhamos com quatro pontos de luz sendo dois *Fresneis Tungstênio 1K e 2 Fresneis Tungstênio 650W Ateck*, todos com filtros de correção de temperatura de cor para 5600K Daylight. Ainda nesse trabalho de estúdio foram usados alguns acessórios para chegarmos ao nosso ideal, como uma *Kimera* montada no *Fresnel* principal para deixar a luz difusa, além de *bandeiras* para um recorte mais preciso e ideal da luz.

Nas cenas externas optamos por usar em grande parte luz natural com pequenas correções com refletores de luz, principalmente em posição de contra-luz. Além disso, buscamos controlar a luz natural através rebatedores e difusores.

Filmamos todo o filme em 24 quadros por segundo (fps), com a câmera *HDSLR Canon 5d Mark III*, com uma configuração de cor *flat*, para buscarmos posteriormente na colorização a estética ideal que buscávamos. Trabalhamos em grande parte do filme com o ISO alto a fim de obtermos alguns grãos na imagem dando um toque mais artesanal à fotografia do filme. As objetivas usadas para esse trabalho variaram de acordo com os planos de cada cena, porém evitamos usar objetivas grande angulares pois criam distância entre a câmera e o assunto, consequentemente personagens e espectadores. Sendo assim foi usada em cenas de depoimentos a objetiva *Canon L-Séries 85mm t1.2*, e para cenas externas *Canon L-Séries 24-70mm t2.8*, *Canon L-Séries 50mm t1.8*, *Canon L-Séries 85mm t1.2 e*



*Canon L-Séries 70-200mm t2.8*. Através dessas objetivas o filme foi fotografado com predominância no valor de abertura de diafragma de t2.8, com abertura do obturador em 180 graus, o que nos deu a exposição ideal. Com relação à temperatura de cor usamos como balanço de branco da *câmera 3200K* para cenas no estúdio, já que trabalhávamos com iluminação artificial com luzes alógenas *Tungstênio e 5600K* para cenas externas diurnas e noturnas, pois tínhamos predominância de luzes naturais com pequenas correções com iluminação artificial.

Nas movimentações da câmera buscamos deixar o máximo que pudéssemos ela livre para que pudesse buscar mais o realismo da cena inserindo de forma significativa o espectador na história e cada enquadramento foi pensado porém filmados com liberdade na mão de quem operava a câmera.

## **5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO**

Partindo do princípio da análise sobre arte e do que ela representa/significa entendemos que a arte trata-se de expressão estética e que estética do grego (*αισθητική* ou *aisthépausis*) traduz-se em percepção, sensação e sensibilidade. Chegamos a conclusão então, que arte em sua grande parte está diretamente ligada a expressão de percepções, emoções, sentimentos e ideias que inspiram o artista. Podemos notar de forma clara essa ideia ao analisarmos obras como *Guernica*, de Pablo Picasso, ou em *O grito*, de Edvard Much, onde a expressão de emoções é o que realmente dá significado e beleza às obras.

É possível dizer, então, que arte, são certas manifestações da atividade humana diante das quais nosso sentimento é admirativo, isto é: nossa cultura possui uma noção que denomina solidamente algumas de suas atividades e as privilegia. (COLI, 1995, p.8)

Uma das obras utilizadas como referência para a concepção artística e fotográfica no filme *Sjó* é a obra *Twittering Machine*, de Paul Klee, pela grande proximidade ao que buscávamos como representação nas imagens do filme. Como exemplo, o aspecto envelhecido e azulado que pra nós nos remete ao mar em uma representação poética, bem como os traços simples e manchados que levam a uma leitura simples da obra.



Dessa maneira, para a construção estética do filme *Sjó* buscou-se transformar cada cena fotografada em expressões subjetivas que dão vida ao filme a partir de uma abordagem poética, que fez com que a *mise-en-scène* conduzisse o filme e que a estética da imagem fluísse do modo mais natural possível sem perder a simplicidade técnica, quase artesanal. Isso fez com que o espectador, focado na condução principal narrativa do filme, pudesse através do naturalismo das imagens se enxergar dentro do filme e sendo capaz de completar a história de *Thomas* a partir de suas próprias vivências.

Escolhida e composta, a realidade que então aparece na imagem é o resultado de uma percepção subjetiva do mundo, a do realizador. O cinema dá-nos da realidade uma imagem artística, quer dizer, se refletir bem, *não realista e reconstruída* em função daquilo que o realizador pretende exprimir, sensorial e intelectualmente. (MARTIN, 2005, p.31)

Utilizamos em todo o filme a impressão de uma iluminação natural, independentemente se feita em estúdio com luzes artificiais ou fora dele, pois buscávamos a construção de uma atmosfera poética, mas ao mesmo tempo realista, para que o foco principal dos espectadores estivesse sempre em torno da narrativa. O intuito era a construção de uma relação sentimental com os depoentes levando-os a preencher as lacunas na personalidade de *Thomas* com suas próprias experiências e histórias. E dentro desse universo o não uso de artificialismos na iluminação pouco destacou elementos externos à história o que nos garantiu o resultado que desejávamos, pois segundo André Reis Martins (2004) a iluminação determina o tom emocional e dá a atores, cenários, acessórios e trajes um caráter adequado às cenas.



Para as cenas externas, com maioria na praia, tivemos como referência cinematográfica para a estética de *Sjó*, o filme *E sua mãe também*, dirigido por Alejandro González Inarritu (2001), fotografado por Emmanuel Lubezki que também fotografou *A árvore da vida* (Terrence Malick, 2011), usado como referência para as movimentações de câmera, além do filme *Cão sem dono* (Beto Brant e Renato Ciasca, 2007), fotografado por Toca Seabra.

Em todos esses filmes os diretores optaram por uma direção de grande liberdade principalmente no aspecto da dramaturgia e condução dos atores e dessa forma a narrativa traça seu próprio caminho aos olhos do espectador. Nesse sentido, as imagens são fundamentais para essa construção e para isso tanto Lubezki quanto Seabra buscaram trabalhar com uma iluminação realista porém sem deixar criar sensações através dela. Assim como nesses filmes, buscamos através da iluminação em *Sjó* criar uma modelagem de luz que buscasse a todo o momento intensificar a aproximação do espectador com a vivência dos personagens passada através dos depoimentos e cenas das memórias colocadas ao longo do filme.

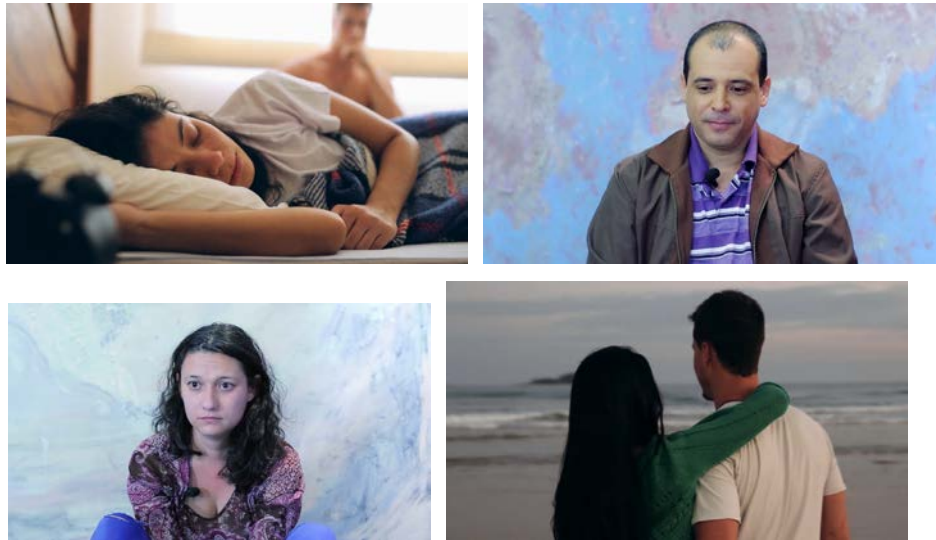
Outro fator importante é que mesmo dentro de estúdio buscamos a aparência de uma luz natural nos depoimentos para que esses estivessem sempre inseridos ao mundo do personagem *Thomas*, bem como cada vivência pessoal dos espectadores. Acreditamos que a iluminação tem grande e fundamental importância para a construção dramática do filme, pois através de elementos conotativos como a luz e a cor, o diretor de fotografia constrói um significado a partir de emoções, a evolução da técnica e composição dos planos e o refinamento na utilização da iluminação levaram o fotógrafo a ser reconhecido como artista (MARTINS, 2004).

Outro aspecto fundamental para a construção da narrativa de *Sjó* são os enquadramentos e a movimentação de câmera, onde nas cenas externas e de memórias, ambos visaram explorar a *mise-en-scène* criando interação entre os personagens e a câmera favorecendo a liberdade proposta inicialmente, sem se preocupar com a técnica e a perfeição dos planos focando apenas em contar a história de forma suave e sensível através das imagens, dando o aspecto de uma fotografia, como antes citada, artesanal. Buscamos encontrar em cada plano uma maneira sensível de contar a história onde cada movimento e enquadramento pudessem estar em plena concordância criando interação entre cenários,





personagens e espectadores. Para os enquadramentos de depoimentos optamos por planos médios, sem movimentação na câmera, pois o foco principal está na história ali contada.



*Cenas do filme "Sjó"*

## CONSIDERAÇÕES

O curta-metragem "Sjó" buscou através de sua fotografia, realizar juntamente com a direção um experimento cinematográfico buscando uma estética que valorizasse o tom poético e ao mesmo tempo realista proporcionando assim uma experiência sensível ao espectador. Acreditamos que o resultado final atingiu nossos objetivos, superando expectativas no campo estético da fotografia, levando-nos a um conhecimento maior através de experiências práticas que podem ser levados para a vida.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MAUERHOFER, Hugo. **O prazer do olhar e o corpo da voz: a psicanálise do filme clássico**. A Experiência do Cinema. Ismail Xavier. 5 Vol. Rio de Janeiro: Embrafilme, 1983.

LOTMAN, Yuri. **Estética e semiótica do cinema**. Lisboa, Portugal: Editorial Estampa, 1978.





BUÑUEL, Luis. **A ampliação do Olhar, Investigações sonoras: Poéticas.** A Experiência do Cinema. Ismail Xavier. 5 Vol. Rio de Janeiro: Embrafilme, 1983.

COLI, Jorge. **O que é Arte.** São Paulo: Brasiliense, 1995

MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica.** São Paulo: Brasiliense, 2009.

MARTINS André Reis. **A luz no cinema.** Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, Dissertação de mestrado, 2004.

ALMENDROS, Nestor. **Dias de una câmara.** Barcelona, Espanha: Seix Barral, 1996.